

## POEMAS DE MÁRIO DE ANDRADE

### Inspiração

Onde até na força do verão havia  
tempestades de ventos e frios  
de cruelíssimo inverno.  
*Fr. Luís de Sousa*

São Paulo! Comoção de minha vida...  
Os meus amores são flores feitas de original...  
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...  
Luz e bruma... Forno e inverno morno...  
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...  
Perfumes de Paris... Arys!  
Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...  
São Paulo! Comoção de minha vida...  
Galicismo a berrar nos desertos da América!

*(Pauliceia Desvairada, 1922)*

### O trovador

Sentimentos em mim do asperamente  
dos homens das primeiras eras...  
As primaveras de sarcasmo  
intermitentemente no meu coração arlequinal...  
Intermitentemente...  
Outras vezes é um doente, um frio  
na minha alma doente como um longo som redondo  
Cantabona! Cantabona!  
Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

*(Pauliceia Desvairada, 1922)*

### Descobrimento

Abancado à escrivantina em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De supetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus! muito longe de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

*(Clã do Jabuti, 1927)*

## **Eu sou trezentos**

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,  
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,  
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!  
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!  
Abraço no meu leito as melhores palavras,  
E os suspiros que dou são violinos alheios;  
Eu piso a terra como quem descobre a furto  
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!  
Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,  
Mas um dia afinal eu toparei comigo...  
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,  
Só o esquecimento é que condensa,  
E então minha alma servirá de abrigo.

*(Remate de males, 1930)*

## **Lundu do escritor difícil**

Eu sou um escritor difícil  
Que a muita gente enquizila,  
Porém essa culpa é fácil  
De se acabar numa vez:  
É só tirar a cortina  
Que entra luz nesta escurez.

Cortina de brim caipora,  
Com teia caranguejeira  
E enfeite ruim de caipira,  
Fale fala brasileira  
Que você enxerga bonito  
Tanta luz nesta capoeira  
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num saco,  
Mas gaúcho maranhense  
Que pára no Mato Grosso,  
Bate este angu de caroço  
Ver sopa de caruru;  
A vida é mesmo um buraco,  
Bobo é quem não é tatu!

Eu sou um escritor difícil,  
Porém culpa de quem é!...  
Todo difícil é fácil,  
Abasta a gente saber.  
Bajé, pixé, chué, ôh "xavié"  
De tão fácil virou fóssil,  
O difícil é aprender!

Virtude de urubutinga  
De enxergar tudo de longe!  
Não carece vestir tanga  
Pra penetrar meu caçanje!  
Você sabe o francês "singê"  
Mas não sabe o que é guariba?  
— Pois é macaco, seu mano,  
Que só sabe o que é da estranja.

(*Poesias*, 1941)

### **Quando eu morrer quero ficar**

Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade.  
Meus pés enterrem na rua Aurora,  
No Paissandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.  
No Pátio do Colégio afundem  
O meu coração paulistano:  
Um coração vivo e um defunto  
Bem juntos.  
Escondam no Correio o ouvido  
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,  
Quero saber da vida alheia,  
Sereia.  
O nariz guardem nos rosais,  
A língua no alto do Ipiranga  
Para cantar a liberdade.  
Saudade...  
Os olhos lá no Jaraguá  
Assistirão ao que há de vir,  
O joelho na Universidade,  
Saudade...  
As mãos atirem por aí,  
Que desvivam como viveram,  
As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus.  
Adeus.

(*Lira paulistana*, 1945)

### **Eu nem sei si vale a pena**

Eu nem sei si vale a pena  
Cantar São Paulo na lida,  
Só gente muito iludida  
Limpa o gosto e assopra a avena,  
Esta angústia não serena,  
Muita fome pouco pão,  
Eu só vejo na função

Miséria, dolo, ferida,  
Isso é vida?

São glórias desta cidade  
Ver a arte contando história,  
A religião sem memória  
De quem foi Cristo em verdade,  
Os chefes nossa amizade,  
Os estudantes sem textos,  
Jornalismo no cabresto,  
Tolos cantando vitória,  
Isso é glória?

Divórcio pra todo o lado,  
As guampas fazem furor,  
Grã-finos do despudor,  
No gasogênio empestado,  
Das moças do operariado  
São os gozosos mistérios,  
Isso de ter filho, néris,  
E se ama seja o que for,  
Isso é amor?

Mas o pior desta nação  
E ter fábrica de gás  
Que donos-da-vida faz  
Ianques e ingleses de ação,  
Tudo vem de convulsão  
Enquanto se insulta o Eixo,  
Lights, Tramas, Corporation,  
E a gente de trás pra trás,  
Isso é paz?

Pois nada vale a verdade,  
Ela mesma está vendida,  
A honra é uma suicida,  
Nuvem a felicidade,  
E entre rosas a cidade,  
Muito concha e relambória,  
Sem paz, sem amor, sem glória,  
Se diz terra progredida,  
Eu pergunto:  
Isso é vida?

*(Lira paulistana, 1945)*